

A poesia é minha aldeia: utopia e cosmovisão na lírica de Eliane Potiguara

Sergio Assunção (UFCG)

1. Introdução

No ano em que se celebra o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, e após duzentos anos da independência do Brasil, talvez se possa dizer que a emancipação da literatura indígena nos últimos cinquenta anos tenha sido um dos principais acontecimentos culturais desde o modernismo, considerando, sobretudo, as prerrogativas e os desdobramentos decorrentes deste movimento. Pois, trata-se de uma literatura que se destaca pela ruptura com as convenções estéticas e acadêmicas, pela radicalidade expressional de sua linguagem e valorização da oralidade, afirmando-se como um lugar de enunciação contra um sistema de pensamento colonialista.

Mais do que percorrer os traços que compõem a estrutura dramática de sua lírica, abordar a poesia de Eliane Potiguara é perspectivar o lugar do poético como um domínio crítico, teórico e experimental, enunciando o lugar de diferença através da errância e da partilha (GLISSANT) do seu canto, que ecoa a partir do amálgama entre a mulher, a indígena, a líder comunitária e espiritual, a militante e autora, de modo que as diversas ressonâncias e tensões venham suscitar os devires que nos tocam, hoje, aqui e agora, enquanto sujeitos e cidadãos, transcendendo-nos em sua a utopia e sororidade.

Sua poesia emana da voz individualizada que se impessoaliza na historicidade das mulheres dos inúmeros povos e etnias ameríndias, ao projetar o modo pelo qual a mulher indígena, consciente do seu papel e autoria feminina, reconecta-se com sua comunidade ao resgatar as tradições ancestrais dos povos originários por meio do literário, assumindo o protagonismo da luta e da resistência contra as várias formas da colonialidade, ampliando a legibilidade do Brasil sob o viés intercultural.

2. Redimensões territoriais

Para os povos originários do Brasil, a terra constitui a base da sua organização social, de modo que, juridicamente, o direito às terras é um direito legitimado e proclamado na Constituição de 1988. Logo, uma vez que este direito fundamental é desrespeitado, a identidade indígena é igualmente violada.

O geógrafo Milton Santos afirma que o valor da terra está enraizado às tradições ancestrais e à dimensão cultural de um povo, operando como elemento consolidador de sua identidade, de modo que cultura e territorialidade se tornam termos sinônimos.

Segundo ele, para além do aspecto geográfico, *“o território em que vivemos é mais que um simples conjunto de objetos, mediante os quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico.”* (SANTOS, 2020, p. 82). Isto significa que o valor da terra está intimamente entronizado no processo identitário de um povo. Em contrapartida, na medida em que esta terra fora invadida e roubada desse mesmo povo que ali se enraizara, tal fato configura, além de um ato de expropriação, um abalo estrutural profundo, ao fragmentar a memória identitária daquela mesma comunidade.

Em sua poesia, Eliane Potiguara enumera as consequências traumáticas e devastadoras das ‘invasões estrangeiras’ que ocorrem há mais de cinco séculos, corroborando com o processo de desculturização apontado por Milton Santos. Sua escritura transcende a dor inerente ao processo de desculturização para consolidar-se sob a forma de resiliência e resistência, cura e reterritorialização por meio da experiência literária. Ela diz que foi graças à tradição oral herdada de suas tias, tias-avós, mãe, e as demais mulheres indígenas migrantes, que sua indianidade foi sendo preservada, ao escutar as histórias reais de sua avó e dos antigos habitantes de sua comunidade, deflagrando-se, assim, o processo de sua escrita e produção literária.

Sob a demagogia do discurso civilizatório, as invasões mercantilistas, missionárias, extrativistas e latifundiárias do passado e do presente vêm ocasionando o genocídio dos povos indígenas no Brasil. Como resultado deste processo, a perda dos territórios imemorais e a destruição dos cemitérios

ancestrais ameaçam diretamente a preservação dos valores e das tradições, provocando a desintegração cultural e espiritual dos povos. Na medida em que não conseguem mais resistir às invasões e perseguições, são obrigados à migração e ao exílio urbano, sendo que, na maioria dos casos, são cooptados ao trabalho escravo e à prostituição das mulheres, vítimas do tráfico sexual. Por fim, são relegados à indigência e à indignidade social, ficando suscetíveis às doenças, à desintegração das famílias, e à desculturização de sua identidade.

Nesse sentido, a experiência do poético se torna uma estratégia de sobrevivência ao neocolonialismo atual, na medida em que, a partir dela, se busca cultivar um espaço relacional por meio da alteridade, ao absorver as diversas subalternidades guetificadas no campo e na cidade.

É por meio do lugar do literário que o indivíduo passa a compreender o seu papel no mundo, vendo seus valores e a si próprio como a representação cultural de um sujeito pertencente a uma comunidade. Deste modo, além de operar como um elemento restaurador desse espaço memorial estilhaçado, a literatura inscreve-se como um lugar de resistência e preservação da identidade, resguardando-se da alienação do indivíduo em meio à vida nas cidades. Nas palavras de Eliane Potiguara:

Um território não é apenas um pedaço ou uma vastidão de terras. Um território traz marcas de séculos, de culturas, de tradições. É um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que compõem e legitimam a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade. (Potiguara, 2018, p. 119)

Sob esse aspecto, a experiência do poético inscreve-se como modo de reinvenção do próprio sentido estético, histórico, político e cultural do Brasil, ao redimensionar o imaginário e a identidade indígena sob o prisma da memória e do porvir, tomando a poesia como um lugar transversal e transcendente, perspectivando-a como utopia e cosmovisão.

Em linhas gerais, pode-se dizer que o cultivo da literatura indígena consiste na tentativa de refundação desse *locus* simbólico, visando ao resgate e conservação dos hábitos, costumes e das narrativas oralizadas que compõem a dimensão mitológica do imaginário e da memória indígena, na preservação de suas tradições e na reordenação de sua consciência identitária, como no poema a seguir.

3. Eu não tenho minha aldeia (Eliane Potiguara)

Eu não tenho minha aldeia
minha aldeia é minha casa espiritual
deixada pelos meus pais e avós
a maior herança indígena.
Essa casa espiritual
é onde vivo desde tenra idade
ela me ensinou os verdadeiros valores
da espiritualidade
do amor
da solidariedade
e do verdadeiro significado
da tolerância.

Mas eu não tenho minha aldeia
e a sociedade intolerante me cobra
algo físico que não tenho
não porque queira
mas por que de minha família foi tirada
sem dó, nem piedade.

Eu não tenho minha aldeia
mas tenho essa casa iluminada
deixada como herança
pelas mulheres guerreiras
verdadeiras mulheres indígenas
sem medo e que não calam sua voz.

Eu não tenho minha aldeia
mas tenho o fogo interno
da ancestralidade que queima
que não deixa mentir
que mostra o caminho
porque a força interior
é mais forte que a fortaleza dos preconceitos

Ah! Já tenho minha aldeia
minha aldeia é Meu Coração ardente
é a casa de meus antepassados
e do topo dela eu vejo o mundo
com um olhar mais solitário que nunca
onde eu possa jorrar
milhares de luzes
que brotarão mentes
despossuídas de racismo e preconceito.

4. Utopia e transcendência

No poema, o texto transcende o território geográfico redimensionando-o ao nível do simbólico. Trata-se de um lugar adveniente de uma experiência em que a poesia se manifesta ao nível do corpo, dos afetos e da alteridade, em que as múltiplas vozes oriundas da subalternidade dos povos originários e outros segmentos compõem o tecido inextricavelmente dramático de sua poesia. Um lugar mnemônico e utópico, de rearticulação do passado e cultivo do futuro pela reinvenção do presente. Um lugar onde é preciso cultivar a poesia para habitar sua dimensão. Um lugar em que a memória é a substância primordial da própria cosmovisão. Um lugar que se funda na medida em que suas fronteiras são desguarnecidas (PUCHEU), deslizando-se da solidão à comunhão (PAZ).

E é pela comunhão com as populações submetidas à experiência da exclusão e vulnerabilidade que a poesia de Eliane Potiguara abrange, desde os povos ameríndios, aos negros, os sem-terra, os sem teto, e outros segmentos como, por exemplo, os imigrantes ilegais e refugiados que, devido à absoluta clandestinidade, são submetidos às mais perversas formas de precarização, abandono e marginalidade. Seja ele autóctone, afrodescendente, imigrante e/ou retirante, trata-se do exilado em sua sociedade (ADORNO). Através da poesia, torna-se possível tocar o outero, de algum modo excluído, desaldeado e submetido à condição degradante de sua marginalidade, catalizando as mais diversas experiências minoritárias que se entrecruzam, atravessando-se sob o prisma da poesia.

Mediante ao caráter orgânico e metafísico de sua lírica profética e social (GRAÚNA), a poesia de Eliane Potiguara modula-se entre o grito e o cântico, exaltando a terra e sua ancestralidade, ao refundar a aldeia como sua morada espiritual, no plano do eterno e do infinito, habitando-a, extemporaneamente, sem perder de vista a luta, movida pela chama sagrada que pulsa em seu coração ardente, na voz dessa mulher indígena que, em nome de todas as mulheres indígenas, não se cala ao tingir a história de sangue e de sonhos, recontando-a a contrapelo, mesclando-a às cores e aos tons da terra e do céu, sobretudo, pela força humanizadora de seu canto doce e retumbante, que se

lança contra a barbárie do preconceito e da degradação colonialista do passado e do presente.

5. Uma nova aldeia

Doravante, o caráter memorial e utópico da poesia de Eliane Potiguara possibilita a ela reescrever a história e, por sua vez, colonizar o futuro, na medida em que se inscreve o presente reinventando-o pelo cultivo da alteridade e da diferença. Creio que a poesia de Eliane Potiguara, assim como toda a literatura indígena, suscita a reinvenção de um homem novo, de uma nação nova, enfim, de uma nova consciência que venha habitar o mundo. E é nesse sentido que o canto de Eliane Potiguara vislumbra, parafraseando Deleuze, a reinvenção de ‘um povo que falta’¹.

No caso de Eliane Potiguara, ao mesmo tempo em que sua poesia é capaz de denunciar um Brasil dos desmandos, desconstruindo a narrativa hegemônica e colonialista, xenófoba e misógina dos racismos e feminicídios, é também capaz de evocar, através de seu canto, o desejo de uma nação nova. Uma nação reinventada em sua legibilidade estética e multicultural, sob uma perspectiva híbrida e transversal, repleta de contradições, matizes e devires. Uma nação em que a utopia advém da memória, forjada pela precedência simbólica do poético e pela transcendência do amor e da sororidade.

Então, deixemos que lírica de Eliane Potiguara nos exorte à errância de seu canto, que se expande ao tragar as diferenças, espectorando-as pelas ventas da memória e em meio às fendas da história, como se somente a experiência do poético nos permitisse subir o monte Roraima e avistar Pindorama, cintilando entre a memória e o sonho, na intersticialidade do presente que se abre ao porvir de Abya Yalla.

¹ Deleuze, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.